

AS MARCAS PESSOAIS EM UM DISCURSO DO SÉCULO XVI: UM FATO LINGÜÍSTICO-DISCURSIVO

RITA MARIA RIBEIRO BESSA*

Resumo: *Esta comunicação pretende apresentar as formas pronominais pessoais que caracterizam o discurso dos roteiros de navegação da carreira da Índia, traduzido em língua francesa, em 1610, por J. H. van Linschoten. A perspectiva teórica adotada parte de pressupostos funcionalistas, onde a compreensão das marcas pessoais ultrapassa o papel de fato lingüístico, assumindo a função comunicativa. São apresentadas amostras dos roteiros.*

Palavras-chave: Marcas Pessoais; Discurso; Roteiros

INTRODUÇÃO

A literatura de viagens é considerada como a mais alta expressão do patrimônio cultural português no século XVI (CARVALHO, 1960, p. 115). Através dos textos que a compõem é possível ter a representação e a compreensão da realidade do homem português dos fins dos quatrocentos e dos anos quinhentos. Dela fazem parte os roteiros de navegação, que são documentos elaborados ou reunidos por pilotos para serem lidos por mareantes.

Nos roteiros, os pilotos falam das experiências pessoais e apresentam descrições pormenorizadas das costas descobertas, com as rotas que deviam ser seguidas, os acidentes geográficos, as “conhecenças” (LEITÃO, 1958, v. 3) dos locais de escala ou de passagem obrigatória, a indicação dos ventos dominantes ou de correntes marítimas, enfim, todo um conjunto de orientações minuciosas capazes de transformar o discurso em uma fonte rica em situações comunicativas.

Os textos dos roteiros portugueses de navegação do século XVI foram traduzidos pelo holandês J. H. van Linschoten em língua francesa, integrando a coletânea *Le grand routier de mer* (LINSCHOT, 1619). No momento da expansão marítima europeia, onde holandeses, ingleses e franceses buscavam acabar com o monopólio marítimo português, esta tradução constituiu uma espécie de guia náutico para os novos exploradores.

J. H. van Linschoten traduziu os roteiros das Carreiras da Índia, do Brasil e de Angola. Para as análises propostas nesta comunicação, onde o objeto de investigação são as marcas pessoais que caracterizam o discurso dos roteiros, serão apresentadas amostras encontradas nos roteiros da Carreira da Índia. A base teórica inicialmente adotada parte de autores cujos pressupostos denotam a perspectiva funcionalista, porém o desenvolvimento das análises aponta para a vertente de estudos discursivos.

AS MARCAS PESSOAIS NO DISCURSO DA CARREIRA DA ÍNDIA

A perspectiva de análise das marcas pessoais no discurso dos roteiros da Carreira da Índia (LINSCHOT, 1619, p. 3-19) abandona a classificação das formas pronominais pessoais como

* Rita Maria Ribeiro Bessa - Licenciada em Letras com Francês / UCSAL. Mestre em Lingüística / UFBA. Doutoranda em Lingüística / UFBA. Professora de Língua Francesa / UEFS. Membro do NEAD/UCSAL. E-mail: rita_bessa@uol.com.br.

categorias gramaticais referentes às primeira, segunda e terceira pessoas do singular e plural, trazendo para o alicerce da nossa investigação a concepção de pessoa gramatical como um reflexo dos elementos fundamentais do ato comunicativo que não podem ser comparadas no mesmo plano.

O modelo de K. Bühler serve a este propósito. Na sua teoria, os signos lingüísticos eu-aqui-agora são entendidos como indicadores de um campo que é denominado por K. Bühler (BÜHLER, 1967, p.169-71) como o campo mostrativo da linguagem. K. Bühler (BÜHLER, 1967, p.142-54) assinala que os atos de mostrar, apontar e referenciar são uma necessidade natural do falante para se comunicar em qualquer língua, onde são encontrados diferentes modos para se fazer estas indicações (modos de demonstração).

Contudo, o falante não indica um referente de infinitas maneiras, ele se limita àquilo que lhe oferece o campo mostrativo. Na sua teoria, os modos de indicação de posição são quatro (BÜHLER, 1967, p.142-54):

- 1º modo de indicação: este-dêixis
- 2º modo de indicação: aqui-dêixis (hic-dêixis)
- 3º modo de indicação: aqui-dêixis (istic-dêixis)
- 4º modo de indicação: aquele-dêixis (ille-dêixis)

Estes signos pertencentes à linguagem não recebem uma precisão significativa no campo simbólico, mas antes de tudo no campo da mostração que está inter-relacionado àquele da comunicação. Os signos mostrativos ou demonstrativos eu-aqui-agora, como define K. Bühler, (BÜHLER, 1967, p.137-9) apresentam uma função absoluta, isto é, eles são um sinal lingüístico da individualidade, do espaço e do tempo enunciativos. Na sua teoria, cada falante no ato comunicativo apropria-se da língua intituindo-se como o eu e passando a ser o centro (origo) de um campo mostrativo a partir do qual se formam redes referenciais específicas – tempo e espaço. O eu se institui como emissor indissociável de um tu que é o receptor, ambos podem mudar as suas posições no ato comunicativo onde vão definir seus papéis. O aqui e o agora se modificam de acordo com o lugar assumido pelo falante. Eles serão, sempre, as origens dos demais pontos espaciais e temporais.

Na comunicação cotidiana, o eu-emissor vai ocupar a segunda posição indicativa, a hic-dêixis, tal como estabelece a teoria. Ele fala e atrai para si ou para o objeto que deseja mostrar a atenção do tu-receptor que ocupa a terceira posição indicativa, a istic-dêixis. Esta interpelação se faz através de gestos perceptíveis na sua expressão corporal ou verbal. O receptor entende o que é dito por conhecer as circunstâncias da situação enunciativa, o momento em que se fala e o lugar em que se dá o discurso, ou seja, o contexto no qual o emissor fala, como também, a sua posição neste contexto. Nesse campo mostrativo a significação dos signos vão se construindo e se atualizando.

Segundo a teoria dos Campos Mostrativos de K. Bühler (BÜHLER, 1967, p.171), o signo lingüístico eu, apesar de único, é multivocal, isto é, todos os indivíduos podem dizer eu. Quando enunciado por alguém, ele se individualiza. O Eu chama a atenção do seu interlocutor para si e para o lugar de onde ele fala, assim, podemos falar do caráter eminentemente espacial da noção de campo mostrativo.

Estas diretrizes teóricas nos levam a acreditar que para analisar os roteiros franceses da Carreira da Índia (LINSCHOT, 1619, 3-19), do ponto de vista da referência pessoal, é fundamental definir o eu dos textos. As leituras dos roteiros de imediato nos remetem a J. H. van Linschoten como o seu locutor. Ele se constitui como o emissor, em termos bühlerianos, que se dirige aos seus receptores - os mareantes, visando a informar sobre as rotas a serem seguidas, os sinais a serem encontrados, as mudanças atmosféricas com as quais os exploradores irão se deparar e, sobretudo, os perigos existentes ao longo do percurso. J. H. van Linschoten sabe exatamente o que dizer e como fazê-lo para ser entendido. Os seus alocutores têm uma idéia,

ainda que de forma intuitiva, daquilo que deverá ser dito pelo emissor que passa a ocupar a posição de informante e conhecedor das rotas ou roteiros e dos sigilos dos exploradores portugueses.

Nestes roteiros, a marca do alocutor é feita através do emprego da segunda pessoa do plural – *vous* (97%). Esta referência pessoal é empregada no século XVII em língua francesa em tratamentos formais, indicando uma hierarquia familiar, social, profissional, como também, em situações em que locutor e alocutor não se conhecem ou têm pouca intimidade (BRUNOT, 1969, p.231-3). No caso das narrativas francesas dos roteiros, podemos dizer que se trata do uso formal do *vous*. J. H. van Linschoten respeita as regras lingüísticas e culturais do falante do francês.

Nos roteiros franceses analisados, encontramos, também, a identificação do alocutor – *vous*, através da forma verbal do *présent de l'impératif*, empregado nas situações de informação, orientação sobre as rotas e, sobretudo, nas advertências. Nestas últimas, esta forma verbal expressa uma obrigação. Segue amostra:

Et si le vent estoit Sud, choisissez plustot le costé de l'Est que du Ouest, encore que vous fussiez sous la Ligne. Et si longtemps que vous n'avez point de vent de SudEst, tenez vous tousiours du costé de l'Est sans vous approcher de Terra do Mallagetta, plus pres que cinquante ou soixante lieues, & quand vous en avez la hauteur & longueur, ayant passé le Cap de Palmas, allant de lof faites de courtes traites açavoir sous la ligne, ou du costé deça, afin que les courans ne vous entraînent point en dedans ledit Cap: & avalez tous vos voiles plustost qu'en venir là, car vous ne vous pouvez point autrement garantir, ni faire le voyage des Indes. Je vous ay déclaré ci dessus ce que vous ferez estant centquarante lieues sous la Ligne: alors vous singlerez le travers d'icelle pour passer le Bresil: car suivant le cours sus déclaré vous ne pouvez faillir de le passer. (LGRM, II, p. 3, L. 28-39)

Nos roteiros da *Carreira da Índia* foram encontradas, também, ocorrências da forma pronominal *on* desempenhando a função do alocutor. No que tange a esta, cabe fazer algumas considerações, antes de darmos exemplos.

F. Brunot e C. Bruneau mostram que o pronome *on* não apresentou sempre o valor de pronome indefinido na língua francesa, esta função era assumida pelo pronome de terceira pessoa do plural *ils*, mantendo assim, a tradição latina. Este emprego pôde ser verificado até o século XVI. Quando o pronome pessoal *on* começa a aparecer como o caso sujeito de *homme*, ele adquire o valor indefinido.

Nesta função de indefinição descrita por F. Brunot e C. Bruneau, a forma *on* pode ocupar o lugar de terceira pessoa do singular com o mesmo valor do pronome indefinido *quelqu'un* (alguém). Ambos reconheceram também, nesta forma pronominal, a possibilidade de ocupação das posições de primeira e de segunda pessoa. Nestes casos, o seu emprego seria figurado, podendo apresentar nuances variadas de acordo com as intenções de quem a emprega.

Nos enunciados analisados, o *on* parece apresentar, sobretudo, a mesma função que o pronome pessoal *vous*, indicando os alocutores. Em 90,1% dos exemplos encontrados, ele alterna com o *vous* nas situações em que o locutor interpela o seu alocutário para indicar as rotas, informar sobre sinais encontrados ao longo dos caminhos percorridos e sobre o que deve ser feito ou evitado nas viagens exploratórias.

Este emprego não descaracteriza o traço de formalidade atribuído anteriormente a estes roteiros ao tratarmos do uso da marca pessoal *vous* entre interlocutores que se desconheciam. Como apontam F. Brunot e C. Bruneau, o emprego do *on* tornou-se corrente no século XVII, na linguagem comum, que era aquela do tradutor e de seus interlocutores, podendo ser verificado também em situações mais formais:

Sachez aussi que ceste traverse & passage oblique du Bresil au Cap de Bonne Esperance est beaucoup plus court & moindre qu'il n'est represente es cartes, dequoy il n'est pas expedient de rendre raison depeur que cela ne vienne à la cognoissance des estrangers, à nostre dommage. On trouve aussi autour de dites Isles de Tristan da Cunha & du Cap de Bonne Esperance certains loups de mer: mais vous trouvant en ceste contree là sur la fin de Iuin, il peut bien advenir que vous n'y en voyez point, a cause de la froidure que les fait retirer au dessous du pays. (CVI, II, p. 4, L. 48-55).

No que tange às marcas do locutor, nos roteiros da Carreira da Índia, a marca pessoal que vai designá-lo é predominantemente o Je (66,6%). Nas outras ocorrências, além da marca pessoal de primeira pessoa do singular, a marca do locutor se faz através dos possessivos (23,8%) ou do pronome moi (9,5%). As amostras abaixo apresentam as três formas pessoais :

Sachez aussi que les courans du costé de Bresil, Cap de S. Augustin, & ceste contree, ont leur coursvers les Antilles qui sont Isles devant la nouvelle Espagne: pourtant ie vous conseilleroy pour le mieux de ne point aller de lof car ce faisant il vous faudroit sans doute retourner en Portugal. (LGRM, II.p. 4, L. 2-6).

Venant a un degré de la Ligne, gardez vous de retourner de rechef en façon que ce soit vers la Geinee, car cela vous retarderoit & seroit perdre inutilement vostre temps: comme il est advenu a aucunes navires partis de Lisbonne en ma compagnie, cest que s'estans tournez de la Ligne vers Geinee, ce que de ma part ie ne voulu pas faire, ils se trouverent portez tout au contraire vers le Brasil, au moyen dequoy ils n'arriuent es Indes qu'en mois apres moy. (LGRM, V, p. 9, L.30-36)

[...] & quant au reste du chemin depuis la dite Ligne iusques en Portugal il est assez usité & cognu des communs mariniers. Que si on desiré le cognoistre, on peut lire ce qui en a esté dit ci dessus & qui a esté signé, comme aussi ce qui en a esté representé en la description de mon voyage & retour des Indes en Portugal, ou il en est fait particuliere mention. (LGRM, IX, p. 18, L. 53-4)

Ainda sobre a função da marca pessoal de primeira pessoa do singular, E. Benveniste (BENVENISTE, 1995, 277-93) segue de modo semelhante os pressupostos teóricos de K. Bühler acerca da natureza dessa marca pronominal. Para ele, alguns signos lingüísticos possuem um estatuto particular, podendo ser compreendidos tanto no âmbito puramente gramatical como no universo do discurso. Os chamados pronomes pessoais fazem parte destes elementos que, no discurso, delimitam o campo mostrativo ou dêítico. Na teoria de E. Benveniste, a marca de pessoa – eu- constitui também o ponto de origem do campo mostrativo. Esta forma atrai para si indicadores de tempo e de espaço que mantêm com ela o traço de unicidade e de singularidade.

A teoria da enunciação proposta por E. Benveniste se alicerça em um eu que é soberano no discurso. Desta maneira, E. Benveniste constrói o seu conceito de subjetividade. O seu locutor não pode deixar de falar de si, assim, toda enunciação, nesta perspectiva, tem um caráter sui-referencial. Ele se propõe como sujeito consciente que transcende a totalidade das experiências vividas. É um sujeito único por excelência, é pragmático, não podendo ser concebido sem o Outro - o tu que é a pessoa não-subjetiva, constituída a partir dele. A distinção entre ambos é que o eu institui o ponto referencial das coordenadas dêíticas, ele é o marco zero do campo mostrativo dêítico-pessoal, enquanto o tu é o não-eu, isto é o ponto não zero. Opondo-se à pessoa que na sua teoria se restringe ao eu-tu, E. Benveniste propõe a não-pessoa que é o ele, o referente, excluído da alocação.

Partindo das premissas apresentadas por estes dois teóricos, percebemos que no corpus analisado, a teoria de ambos serviu como ponto de partida, porém, determinados fatos discursivos verificados nos roteiros da Carreira da Índia fazem sentir a necessidade de uma ampliação teórica. Foram encontradas marcas do eu (Je) que aludem a J. H. van Linschoten ou aos pilotos portugueses Diogo Afonso e Vicente Rodrigues. Em ambos os casos, é indiscutível que estas marcas sejam o ponto 0, a origem da informação. Contudo, o eu que se apresenta como o piloto português, permeando o discurso de J. H. van Linschoten, possui uma dupla função, a de responsável pelas informações da instância enunciativa em que se apresenta, como também a de ocupante do lugar do Outro, o discurso referido que é trazido por J. H. van Linschoten para o seu discurso, através da memória discursiva. Este Outro é a terceira pessoa, o não-eu não participativo da relação estrita de J. H. van Linschoten com o seu alvo, os mareantes franceses, porém ligado ao locutor de tal forma que seja possível dizer que o Outro é constitutivo do eu.

Estes dados comprometem, sem dúvida, a soberania do Ego em E. Benveniste, criando o lugar para um outro discurso ou mesmo outros discursos ou ainda o discurso do Outro que se mesclam, se confundem, se estranham, sem necessariamente, gerar uma relação entre assujeitadores e assujeitados.

Os fatos encontrados nos roteiros conduzem ainda ao repensar da unicidade e sui-referencialidade atribuídas ao discurso do eu, como também à submissão ao discurso do Outro que poderia ser atribuída a J. H. van Linschoten. Talvez, a melhor forma de interpretar as marcas pessoais nos roteiros franceses seja através do que é dito por K. Hegel (HEGEL,33-51), quando ele propõe que ao invés de adotar o binômio pessoa/não-pessoa de E. Benveniste, melhor seria ampliar este conceito, concebendo a possibilidade de uma tripartição, onde além do eu-pessoa (0) que interage diretamente com um não-eu alocutor, haveria um não-eu não participativo da relação estrita eu-tu, porém relacionado ao eu.

Nos exemplos abaixo, a voz do Outro, no caso o piloto Vicente Rodrigues ou Diogo Afonso, permeia o discurso de J. H. van Linschoten, relatando a experiência vivida. Verifica-se também o uso anafórico da terceira pessoa do plural cujo referente no discurso é trazido pelo piloto:

Venant a un degré de la Ligne ou quelque peu plus outre, gardez vous de retourner derechef en raison que ce soit vers la Guinee, car cela vous retarderoit & seroit perdre inutilement vostre temps: comme il est advenu a aucunes navires partis de Lisbonne en ma compagnie, cest que s'estant tournez de la Ligne vers Guinee, ce que de ma part *ie* ne voulu pas faire, ils se trouverent portez tout au contraire vers le Bresil, au moyen dequoy ils n'arriverent es Indes qu'un mois apres moy. (LGRM, V, p. 9, L. 30-6)

[...] au temps du Monson qui est le temps auxquelles le Navire de Portugal qui partet de lá: car ceux qui y viennent au Monson ou temps d'hyver, il peut bien advenir qu'alors il n'y en trouvent point, m'estant advenu qu'y venant en une telle saison en la compagnie du Comte Don Luis de Tayde, singlant vingt lieues ou davantage arriere de ces bancs du costé de Soffala nous ne vismes pas un oiseau [...] (LGRM, V, p. 11, L. 30-5)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas análises sobre as marcas pessoais dos roteiros da Carreira da Índia, foram verificadas como característica do discurso dos roteiros de navegação, a marcação pessoal na segunda pessoa – vous – alocutor, ou através de formas verbais, como também pronominais – on- com a mesma função. No que tange à forma pessoal eu (Je), foi verificado que ela alude tanto a J. H. van Linschoten, na maioria das ocorrências (71%), como ao piloto-redator do texto-fonte (29%).

Apesar de em certas situações a distinção entre ambos ser clara, em outros momentos, apenas o retorno aos roteiros originais portugueses permite a sua identificação. Este fato lingüístico, mas sobretudo discursivo, permite dar novas diretrizes a esta investigação, onde reflexões acerca de noções como memória discursiva e interdiscurso vão se somar às reflexões e cujo respaldo teórico da análise do discurso se torna imprescindível.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995. p. 277-293.

BRUNOT, F. ; BRUNEAU, C. **Précis de grammaire historique de la langue française**. Paris: Masson et Cie, 1969. p. 231-3.

BÜHLER, Karl. **Teoria del lenguaje**. Trad. Julián Marías. 3ed. Madrid: Revista de Occidente, 1967.p.169-171.

CARVALHO, Joaquim Barradas de. **L’Historiographie portugaise contemporaine et la littérature de voyages à l’époque des grandes découvertes**. Ibérica, Rio de Janeiro, v.4, p.115, dez. 1960.

HEGEL, Klaus. **Teoría Semántica: Hacia una Semántica Moderna**. Madrid: Alcalá, s.d. v.2. p. 33-51.

LEITÃO, Humberto. **Vocabulário**. In: id. (edit.). Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino (1608-1612); diários de navegação coligidos por D. António de Ataíde no século XVII. Lisboa: Agencia Geral do Ultramar, 1958. v.3, s.v. sinais.

LINSCHOT, Iean Hvgves de. **Le grand routier de mer**. Nouv. Trad. de Flameng en François. In: id. Histoire de la navigation au Indes Orientales; contenant diverses description des lieux iusques à présent decouverts par le portugais.... 2. éd. agm. Amsterdam: Chez Evertsz Cloppenburch, 1619. p. 3-8 e 16-9.